

SBH
Pt 74 214
52/04/13
Liana Janaco
p. 2



O CRÍTICO HOLANDA

Roberto Brandão

SÉRGIO ROMERO foi um sociólogo do fenômeno literário. José Veríssimo é que foi crítico literário. Debruçado sobre o fenômeno literário em si mesmo, nos seus problemas de concepção e composição, de estrutura e fatura. O outro se debruçava sobre o fenômeno literário como fato social, como expressão figurativa de tempos, tendências, correntes, transformações mais gerais, envolvendo a totalidade do território humano considerado. Daí os desacertos, as incompreensões literárias que cometeu, por falta de aplicação de critérios de técnica literária no julgamento da criação literária. Desacertos e incompreensões tão grosseiros como não se poderiam perdoar num crítico literário de ofício, como foi Veríssimo. Como não foi Romero, em que o sociólogo salvou o crítico ocasional, melhor diria o ensaísta crítico.

O FENÔMENO vem se repetindo através das várias gerações literárias sucessoras, entre nós, da aqueles que foram os expoentes das duas tendências da inteligência crítica voltada sobre a criação na apreciação do patrimônio intelectual que se vai criando por cima no manuseio das artes verbais. De um lado, os que apreciam a literatura, a obra de arte literária, como o fenômeno a estudar em si mesmo; do outro, os que a encaram apenas como um elemento representativo de fenômenos mais gerais que através dela se manifestam e, assim, se tornam através dela suscetíveis de estudo. Os críticos literários propriamente ditos e os sociológicos.

As escolas, as modas em um e outro campo se tem sucedido, negando-se, repetindo-se, para voltarem a negar-se e repetir-se novamente, em termos diversos ou até com os mesmos cachetes de doutrina e nomenclatura. Mas o que sempre se mantém dominante é a haver e não a haver, não o ser e não o não ser. São estes dois campos, estas duas atitudes essenciais possíveis, decorrentes da dupla pos-

sibilidade de impostação do assunto. E, a um ou a outro campo, a inteligência analítica do escritor crítico é arrastada por força de uma opção tão espontânea e constante como a que geralmente conduz a inteligência sintetizante do escritor artista ao romance, à poesia ou ao teatro.

Assim, Romeros ou Veríssimos se têm sucedido, simultâneos ou alternados, nas várias encarnações que o ofício tem dado às letras nacionais. Completando-se, reciprocamente, no seu aparente desencontro, pois que sempre se há de fazer, cedo ou tarde, a síntese das contradições recíprocas de todas as teses e antíteses, neste como nos outros terrenos. As vezes, o excesso de uma das tendências, prejudicando o integral rendimento desta ou daquela rara figura excepcionalmente dotada para o ofício.

É o caso, por exemplo, daquele João Ribeiro de tão aguda inteligência crítica, em quem uma excessiva absorção na cultura humanística impedia de considerar com seriedade a tarefa de crítico, que exercia como um emprego, com enfiado às vezes, sempre com displicência, mas invariavelmente com um descortínio e clareza de vistas que em tudo o marcava de forma inconfundível. É o caso deste nosso inesquecível Mário de Andrade, que, por estranho que possa à primeira vista parecer, só teve a prejudicar o extraordinário equipamento crítico que em si possuía e pôs a funcionar quando exerceu o ofício regular de suplemento literário do "Diário de Notícias" (seus milhares de cartas, a maior parte delas ditada pelos transbordamentos de sua insaciável simpatia humana, não devem, se não excepcionalmente, ser levadas em conta neste sentido) — só teve a prejudicá-lo, como crítico de ofício, a sua excessiva paixão do particular que lhe atrapalhou algumas vezes a visão do geral, perdendo-o nos meandros das técnicas estilísticas que lhe tiravam a perspectiva da obra ou do escritor que criticava.

Isso, para citar apenas os dois casos potencialmente mais importantes, nesse terreno, desde Romero e Veríssimo, ao longo da longa tradição do redator crítico nacional que se ultimamente vai desaparecendo da nossa imprensa por focando progressivo abandono da perspectiva horizontal. Porque os casos menores, antigos e re-

centes, seriam um nunca acabar e um exorbitar dos limites e intenções desta breve crônica.

O CASO, porém é que — tese, antítese — os críticos da técnica literária e os da sociologia literária se vêm sucedendo, a negarem-se ou repetirem-se entre si, mas a padecerem todos da limitação comum, do mesmo mal de pertencer apenas a um dos campos limitadores.

Quer me pareça por isso que a importância maior do sr. Sérgio Buarque de Holanda dentro do panorama e da evolução histórica

da crítica literária no Brasil reside no fato de ter vindo para o ofício devidamente aparelhado de um equipamento intelectual que participa igualmente de ambos os campos, realizando, pela primeira vez, uma síntese da tese técnica e antítese sociológica na apreciação da obra literária. Isso com uma acuidade de dons naturais e uma soma de informações culturais que o singularizam por completo no meio literário nacional.

Constitui, pois, o crítico literário do DIÁRIO CARIOCA, um assunto para estudo crítico dos mais interessantes. Estudo cujo tema apenas me limito a apontar a outros mais capazes de fazê-lo, nesta espécie de nota prévia, nesta nota que quer ser apenas de introdução a este homem que está fazendo cinquenta anos com quinhentos anos de cultura e sem perda da pureza e da doçura dos cinco anos.